



CONTROLE MIDIÁTICO: DA COMUNICAÇÃO DE MASSAS À ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NAS REDES

MEDIA CONTROL: FROM MASS COMMUNICATION TO THE RISE OF ALT-RIGHT IDEOLOGY ON DIGITAL PLATFORMS

João Nilo de Souza Nobre*

NN Artes e Arqueologia - NNAA

 <https://orcid.org/0009-0001-1257-8286>

nilonobrelobo@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar o funcionamento das redes sociais na contemporaneidade, bem como a ascensão da extrema direita nesse meio de comunicação. Para tanto, faz-se necessário identificar e contextualizar algumas características da criação dos meios de comunicação massificados com seus impactos na política e seus desdobramentos na indústria cultural no capitalismo globalizado até chegarmos no contexto das mídias sociais e sua cooptação pela extrema direita, e também apontar algumas saídas para esta armadilha cognitiva em que estamos nos colocando.

PALAVRAS-CHAVE: História; comunicação em massa; indústria cultural; redes sociais.

ABSTRACT: This article aims to analyze the functioning of social networks in contemporary times, as well as the ascension of the far-right in this media. To this end, it is necessary to identify and contextualize some characteristics of the creation of mass media with their impacts on politics and their consequences for the cultural industry in globalized capitalism until we reach the context of social media and its co-optation by the far-right movements, also to point out some ways out of this cognitive trap in which we are putting ourselves.

KEYWORDS: History; mass communication; cultural industry; social media.

* Mestrado e doutorado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco, quadrinista, editor de webtoon para o aplicativo Funktoon e escritor de literatura especulativa com contos publicados em revistas digitais e impressas e escritor permanente da Revista Mormaço na plataforma Medium.

INTRODUÇÃO

O intuito deste artigo é o de avaliar uma das formas de controle social mais efetivas da atualidade: as redes sociais e como seu funcionamento tem permitido a disseminação das ideologias conservadoras da extrema direita. Para alcançar este objetivo, é necessário contextualizar essas mídias não apenas com o passado, mas também suas implicações nas novas dinâmicas sociais e geopolíticas do mundo globalizado, para mostrar como estas redes aprofundam relações iniciadas já com o rádio, ao mesmo tempo em que representam características singulares da contemporaneidade.

Conforme será apresentado, muitas das características que as redes sociais exercem sobre as massas já são conhecidas de longa data, embora possuam outra roupagem na atualidade. Parafraseando Valle (2020), estamos nos enganando se achamos que o século XXI traria um conjunto inteiramente novo de problemas. Apesar de existirem, de fato, várias novidades, veremos que muitos problemas percebidos em períodos distintos no passado não apenas se mantêm, como também se amplificaram.

Neste sentido, a argumentação deste artigo consiste em apresentar discussões organizadas na seguinte ordem: 1- elaborar um panorama histórico de como os meios de comunicação em massa foram usados ao longo do tempo enquanto peça fundamental de um novo tipo de capitalismo, no qual as ideologias são esvaziadas e substituídas por produtos culturais padronizados; 2- elencar algumas transformações sociais promovidas pela globalização e seu impacto na criação de novos ordenamentos socioeconômicos e culturais e 3- como as redes sociais e seu funcionamento representam ao mesmo tempo o aprofundamento de relações de controle de massas iniciadas há um século, bem como as características individualizantes resultantes e próprias destas alterações socioeconômicas e culturais da contemporaneidade.

Espero com isso promover não apenas uma compreensão histórica desse fenômeno, mas também propor um caminho que pode nos levar a melhorar nosso próprio uso das ferramentas e, quem sabe, reduzir a influência da extrema direita que tem ganhado cada vez mais destaque em um movimento coordenado mundialmente.

AS MASSAS E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Em seu trabalho, Valle (2020) se propõe a analisar historicamente o problema das massas. Como alguns intelectuais teorizaram o controle social em seus momentos

históricos. A sistematização feita pelo autor nos dará base para a elaboração de uma compreensão mais atual de como as redes sociais são utilizadas na contemporaneidade como ferramenta para o controle dessas massas.

Valle (2020) expõe sua contextualização a partir de três bases epistemológicas: uma psicológica, uma filosófica e uma política. Para fins de recorte, nesta explanação, darei destaque apenas para a explicação política. Em seu texto, o citado autor discorre sobre o trabalho de Walter Benjamin em sua análise sobre os meios de comunicação em massa e sua utilização para sujeição política como um movimento de despersonalização da arte para as massas. “Podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido” (BENJAMIN, 1987, p. 168).

Walter Benjamin estava interessado naquele momento em como a percepção coletiva estava mudando, pois as concepções se transformam ao mesmo tempo que os modos de existência social. A forma como as pessoas percebem as coisas não é apenas condicionada naturalmente, mas também historicamente. E no início do século XX, Benjamin avaliava como a sociedade estava mudando sua percepção em relação à arte.



Cada dia fica mais nítida a diferença entre a reprodução, como ela nos é oferecida pelas revistas ilustradas e pelas atualidades cinematográficas, e a imagem. Nesta a unidade e a durabilidade se associam tão intimamente como, na reprodução, a transitoriedade e repetibilidade (BENJAMIN, 1987, p. 170).

Ou seja, para o autor, o modo industrial de repetição da obra de arte faria dela uma experiência muito mais transitória, justamente por ser de fácil reprodução. Em detrimento de uma imagem “tradicional” que seria única e imutável. E assim como a arte reproduzível passa por esta transformação para algo mais mecânico e transitório, o mesmo acontece com a forma como os políticos passam a se apresentar para a sociedade. Um efeito que, mesmo identificado há quase cem anos, pode facilmente ainda ser percebido hoje.

A crise da democracia pode ser interpretada como uma crise nas condições de exposição do político profissional. As democracias expõem o político de forma imediata, em pessoa, diante de certos representantes. O parlamento é o seu público. Mas, como as novas técnicas permitem ao orador ser visto e ouvido por um número ilimitado de pessoas, a exposição do político diante dos aparelhos passa para o primeiro plano (BENJAMIN, 1987, p. 183).

Há, contudo, nos escritos iniciais de Benjamin, um fascínio com a democratização que a reprodutibilidade técnica permitiu. Se antes as obras de arte estavam restritas a determinados círculos sociais que podiam pagar por elas, a fotografia e o cinema expandiram a possibilidade de mais pessoas se relacionarem com estas obras.

O pintor observa seu trabalho uma distância natural entre a realidade dada e ele próprio, ao passo que o cinegrafista penetra profundamente as vísceras dessa realidade. As imagens que cada um produz são, por isso, essencialmente diferentes. A imagem do pintor é total, a do operador é composta por inúmeros fragmentos, que se recompõem segundo novas leis. Assim, a descrição cinematográfica da realidade é para o homem moderno infinitamente mais significativa que a pictórica, porque ela lhe oferece o que temos o direito de exigir da arte: **um aspecto da realidade livre de qualquer manipulação pelos aparelhos**, precisamente graças ao procedimento de penetrar, com os aparelhos, no âmago da realidade (BENJAMIN, 1987, p. 188, grifo meu).

O trecho destacado refere-se a uma característica observada por Walter Benjamin de que o cinema produz arte aparentemente sem que as pessoas vejam o processo. Como se os aparelhos e câmeras fossem nossos próprios olhos a contemplar a cena. E eu destaquei este trecho porque esta concepção traz consigo uma ideia de neutralidade dos tais equipamentos. Uma ilusão de que a relação entre o espectador e o filme é a mesma de uma pessoa em uma cena cotidiana, enquanto, na verdade, a escolha da cena, do posicionamento da câmera, da iluminação do estúdio, tudo isso é pensado por especialistas para passar determinadas mensagens.

Entretanto, conforme Palhares (2013), Benjamin não era ignorante quanto ao uso do cinema para fins políticos. E apesar de simpático à democratização da arte no início, quando escreveu seu texto em 1935, ele já tinha mais distanciamento histórico para problematizar a utilização do cinema pelo fascismo. No trecho final de seu famoso artigo sobre a aura da arte, Benjamin esclarece como a massa é conduzida pelos meios de comunicação.

A crescente proletarização dos homens contemporâneos e a crescente massificação são dois lados do mesmo processo. O fascismo tenta organizar as massas proletárias recém-surgidas sem alterar as relações de propriedade que tais massas tendem a abolir. Ele vê sua salvação no fato de permitir às massas a expressão de sua natureza, mas certamente, não a dos seus direitos. (BENJAMIN, 1987, p. 194).

Outro intelectual da Escola de Frankfurt que também se debruçou sobre a produção cultural e as massas foi Theodor Adorno. Gatti (2013) sintetiza o pensamento

do intelectual situando-o nos períodos em que os trabalhos foram escritos. Segundo Gatti (2013) o diagnóstico era que:

[...] não se tratava apenas de reconhecer, na década de 1940, a impossibilidade de superação do capitalismo por meio de uma revolução social, mas também de identificar em sua continuidade as transformações fundamentais pelas quais ele havia passado e que haviam afastado a ameaça de superação. Entre essas modificações, encontrava-se o desenvolvimento recente de um poderoso mecanismo de controle da consciência das pessoas, exercido conjuntamente pela imprensa, pelo rádio e pelo cinema, e denominado por Adorno e Horkheimer de indústria cultural (GATTI, 2013, p. 73).

Segundo segue expondo Gatti (2013), os fenômenos compreendidos como indústria cultural não denotavam uma cultura popular e de massas que surgia de baixo para cima, mas, pelo contrário, a produção massificada de conteúdos impostos de cima para baixo com o intuito de adaptar e integrar as massas à ordem. E o mais curioso é que este sistema de produção de conteúdo funcionava de forma integrada.



Na opinião dos sociólogos, a perda do apoio que a religião objetiva fornecia, a dissolução dos últimos resíduos pré-capitalistas, a diferenciação técnica e social e a extrema especialização levaram a um caos cultural. Ora, essa opinião encontra cada dia um novo desmentido. Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo de aço (ADORNO, 1985, p. 99).

Nesta perspectiva industrial de produção seguem-se algumas alterações, como o planejamento e padronização dos produtos. Além disso, implica também a transferência de responsabilidade do artista para os produtores. A arte a ser produzida deixa de ser julgada pelo mérito artístico e passa a ser avaliada pela probabilidade de lucro (GATTI, 2013).

É interessante notar que, no período pós-guerra com a crescente integração dos mercados para a reconstrução da Europa, houve o início das discussões quanto à homogeneização cultural imposta pela globalização e, sem dúvida a indústria cultural foi essencial neste processo. Segundo Harvey (2008), aquele momento foi marcado pela disseminação no mundo inteiro do modo de produção industrial fordista. Podemos compreender, portanto, este movimento como um período em que toda a sociedade passa a se organizar segundo as hierarquias e modo de produção industriais.

Neste sentido, revela-se que o surgimento da indústria cultural está associado a uma nova forma de capitalismo, cujo controle é dado através de propagandas homogêneas. “(...) o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. Não se desenvolveu qualquer dispositivo de réplica e as emissões privadas são submetidas a controle” (ADORNO, 1985, p. 100).

Com isso, Adorno (1985) atesta que tudo na indústria cultural passa a ser imposto de cima pra baixo, condicionando as necessidades sociais em retrospecto, para justificar a padronização dos produtos. Se muito mais pessoas participam da indústria cultural, seria necessária uma expansão dos métodos de produção em massa para atender a crescente demanda de necessidades iguais.

Destaca-se que ao criar uma programação pautada em produtos patrocinados, surge também um mercado da atenção. Não apenas no sentido de veicular propagandas nos horários mais específicos, mas também no sentido de mapear os grupos e direcionar suas atenções.



A unidade implacável da indústria cultural atesta a unidade em formação política. As distinções enfáticas que se fazem entre filmes das categorias A e B, ou entre histórias publicadas em revistas de diferentes preços, têm menos a ver com conteúdo do que com sua utilidade para catalogação, organização e computação estatística dos consumidores. Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas (ADORNO, 1985, p. 101).

É possível perceber então que o controle social das massas a partir dos meios de comunicação possui já um grande lastro histórico. Algumas destas características identificadas pelos intelectuais poderiam facilmente se referir ao período contemporâneo, pois muitas destas questões não só estão presentes na atualidade como estão muito mais fortes e enraizadas no nosso cotidiano. Gatti (2013) aponta que na década de 1960, uns 20 anos após a publicação da *Dialética do Esclarecimento* de Adorno, o intelectual teria uma postura mais branda em relação à indústria cultural, pois ele mesmo faria parte de programas de rádio para educação política. Sustentando assim que a indústria cultural continha em si uma possibilidade de superação da dominação social que ela exerce. Contudo, vale nos questionarmos se havia realmente uma possibilidade educativa ou se Adorno sucumbiu à padronização que submetia aos mesmos processos técnicos até mesmo os pontos de vista politicamente diferentes, como ele próprio havia denunciado alguns anos antes.

Não que os meios de comunicação em massa não tenham a capacidade de se tornarem educativos. Pelo contrário, ao evidenciar que eles servem como forma de controle social capaz de homogeneizar as necessidades sociais, revela-se que eles possuem uma força enorme enquanto propagadores de conteúdo de como uma sociedade deve se comportar. A questão é mais em torno de que mesmo a propaganda política “contrária”, nunca vai de fato ameaçar a estrutura social, pois é veiculada justamente por esta mesma estrutura.

Na década de 1970, após uma grande recessão mundial, o capitalismo vai se modificar mais uma vez e, com isso, alterar de novo as relações sociais. Segundo Harvey (2008) inicia-se uma acumulação flexível, a qual

[...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado "setor de serviços", bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (HARVEY, 2008, p. 140).

Diversos autores têm se debruçado sobre a maior integração dos mercados que começou no final da Segunda Guerra Mundial e foi se intensificando até o final da década de 1980 (HOBSBAWM, 1995, 2007; ARRIGHI, 2012; BAUMAN, 1999, 2000; HALL, 2006; HARVEY 2008) e não caberia aqui discutir sobre todos os efeitos da globalização nos países, mas é importante destacar alguns elementos que nos permitirão refletir sobre nosso contexto contemporâneo.

Conforme aponta Hobsbawm (1995), o fim da experiência real de socialismo (SOREX) em 1989, marcou a vitória do capitalismo e sacramentou a integração do mundo em um sistema de mercado globalizado, espalhando a lógica de mercado não só para todos os países, como também para os mais diversos segmentos sociais.

Da ciência aos meios de comunicação de massa, esse sistema desencadeia uma monstruosa proliferação do intermediário, zona neutra, homogeneizada, onde se repete incansavelmente a forma de um universal abstrato que preenche sucessivamente as particularidades com as quais ela compõe sua modulação. Esse clericalismo anônimo ocupa pouco a pouco todo o campo social. Exaure os destinatários e os destinadores, esmagados pela mediação. (...) reproduz-se no interior do sistema aquilo que se produz no exterior, com a assimilação dos países

colonizados, com a eliminação da sua alteridade, com seu alinhamento com a lei do seu mercado. Seus próprios detentores não estão protegidos disso. Estão submetidos a essa lei do despojamento que estava destinada aos outros. Presos na armadilha de sua própria maquinaria (DE CERTEAU, 1995, p. 94).

Ou seja, a globalização e o capitalismo neoliberal em sua fase de acumulação flexível (HARVEY, 2008), homogenizam o mundo inteiro ao tornar todos os trabalhadores vulneráveis aos ditames das megacorporações internacionais, ao mesmo tempo em que vai transformando paulatinamente todas as relações sociais em relações de comércio (SANDEL, 2018), intensificando a massificação do consumo.

O surgimento da internet nos anos 90 e sua expansão nos anos 2000 abriu uma nova possibilidade de interconexão entre os mais diversos lugares do mundo. Trazendo consigo uma nova realidade em relação às forças de trabalho. Os investidores e acionistas, detentores do poder financeiro cada vez mais ficaram imunes às restrições impostas localmente por governos.



A mobilidade adquirida por “pessoas que investem” — aquelas com capital, com dinheiro necessário para investir — significa uma nova desconexão do poder face a obrigações, com efeito uma desconexão sem precedentes na sua radical incondicionalidade: obrigações com os empregados, mas também com os jovens e fracos, com as gerações futuras e com a autorreprodução das condições gerais de vida; em suma, liberdade face ao dever de contribuir para a vida cotidiana e a perpetuação da comunidade (BAUMAN, 1999, p. 16).

Esta nova assimetria de poder, segundo Bauman (1999), liberou a atuação do capital das restrições geográficas. Em qualquer lugar do mundo, o investidor tem o controle na palma de sua mão de remover o investimento em uma fábrica e aplicá-lo em outra, ignorando por completo as consequências humanas do desemprego no primeiro local.

Do ponto de vista comunicacional, Bauman (1999) também aponta para uma maior integração e velocidade de transmissão, de forma que a mensagem chega virtualmente em qualquer lugar de forma instantânea. Criando também um descompasso informativo entre o que a mensagem diz e o que ela significa em termos reais.

A comunicação barata inunda e sufoca a memória, em vez de alimentá-la e estabilizá-la. Presumivelmente, o mais seminal dos últimos desenvolvimentos é a redução das diferenças entre os custos de transmissão de informação em escala local e global (onde quer que se envie uma mensagem pela Internet, paga-se a tarifa de uma “chamada local”, circunstância tão importante cultural como economicamente);

isso, por sua vez, significa que a informação que eventualmente chega e pede atenção, acesso e permanência (por mais breve que seja) na memória tende a provir dos locais mais variados e mutuamente autônomos, assim provavelmente devendo passar mensagens mutuamente incompatíveis ou canceladoras (BAUMAN, 1999, p. 23).

Neste sentido, como aponta Sennett (2018), o novo capitalismo trouxe consigo mudanças sociais notáveis, pois um novo tipo de indivíduo seria necessário para prosperar nesta nova conjuntura. E a cara deste novo indivíduo é aquela de uma pessoa que consegue dar conta de suas relações de curto prazo e de si mesmo enquanto muda de um emprego para outro, alguém com disposição para estar sempre desenvolvendo novas habilidades, se reciclando de tempos em tempos, é um indivíduo capaz de sempre deixar o passado para trás em favor de um presente de produtividade constante. “O mundo pós-moderno está-se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irredutível” (BAUMAN, 1998, p. 32).

Trata-se de um contexto social trabalhista em que imperam os contratos temporários e terceirizados. Por isso os indivíduos devem ser capazes de abandonar suas experiências prévias e estarem sempre dispostos a se reinventarem, pois o próximo contrato temporário pode ser qualquer coisa. Sennett (2018) também aponta que em instituições de trabalho flexível a economia gera uma dificuldade dos trabalhadores pensarem como artesãos. A tecnologia atua para desmobilizar o engajamento e o excesso de informação ameaça tornar passivos seus destinatários. Mas por que isso é relevante para a discussão das massas? Como veremos adiante, o contexto sociopolítico do capitalismo neoliberal aliado com a forma que operam os algoritmos a partir da entrega individualizada de conteúdos, gera nos indivíduos uma pressão psicológica por resultados, ao mesmo tempo em que supostamente nivela todos em uma massa de “empreendedores de si”, que perdem a dimensão comparativa com os outros (HAN, 2017).

Não à toa tem muita gente que trabalha para plataformas digitais de mobilidade urbana e se sentem “patrões de si”, como se o aplicativo não tivesse um conjunto de regras que eles devem obedecer, ou como se não tivessem seus proventos subtraídos de uma porcentagem a cada viagem feita. Sem mencionar que a empresa que rege sua conduta e debita parte de seu rendimento, em nada se responsabiliza em termos de seguridade social. Transfere-se para o indivíduo a responsabilidade que deveria ser conjunta entre Estado e empregador para garantir tratamento médico ou mesmo uma aposentadoria.

Em seu outro trabalho, Sennett (2015) aponta que a vida nessa conjuntura de trabalho flexível e temporário traz consigo um preço emocional para os indivíduos, gerando maiores taxas de ansiedade e depressão.

“Quem precisa de mim?” é uma questão de caráter que sofre um desafio radical no capitalismo moderno. O sistema irradia indiferença. Faz isso em termos dos resultados do esforço humano, como nos mercados em que o vencedor leva tudo, onde há pouca relação entre risco e recompensa. Irradia indiferença na organização da falta de confiança, onde não há motivo para ser necessário. E também na reengenharia das instituições, em que pessoas são tratadas como descartáveis. Estas práticas óbvia e brutalmente reduzem o senso de que contamos como pessoa, de que somos necessários aos outros (SENNETT, 2015, p. 174).

De forma semelhante, Han (2017) localiza no capitalismo neoliberal a disseminação de uma ideologia de “sociedade do desempenho”, que traz consigo diversas consequências psicológicas pois, como empreendedor de si mesmo, o sujeito não se vê como submisso a outras pessoas que lhe dão ordens, pois ele explora a si mesmo por decisão pessoal e, nesta ânsia de auto realizar-se, a depressão e o *burnout* se manifestam como problemas recorrentes.

Em uma avaliação de seu contexto histórico, De Certeau (1995) elabora um diagnóstico pessimista em relação ao trabalhador e sua impossibilidade real de buscar mudanças sociais. Para o historiador, o desenvolvimento técnico nublaria a percepção das ideologias, mas sem nunca substituir as necessidades a que elas correspondem. Sem uma perspectiva real de alteração de sua realidade, o trabalhador não consegue recorrer a nenhuma outra solução que não seja a ficção.

Ficção erótica, ficção científica... a ficção está por toda a parte. Podemos partir de um exemplo. Você a encontra em todas as revistas eróticas. Sexualidade ficção também. O empregado ou colarinho-branco que compra uma dessas revistas, ao tomar à noite seu trem de subúrbio nelas procura uma iniciação? Não, ele a lê precisamente *porque* não o fará. É a sexualidade ficção. O leitor encontra nas imagens e na “legenda” uma história daquilo que “não se faz”, uma história ausente. De onde uma primeira constatação: aquele que entra nessa linguagem é aquele que sai da vida cotidiana e que a existência não mais proporciona, seja pelo cansaço, seja porque não se ousa mais pensar numa mudança do possível. Por isso deve-se contentar em sonhar com ele. Ou em *vê-lo*, à falta de *fazê-lo*. Como dizia uma propaganda de um canal de televisão: “Seja esportivo — em sua poltrona.” É-se espectador renunciando a ser ator (DE CERTEAU, 1995, p. 42).

Para o historiador, havia um aumento em atos de ver o que não se podia mais fazer. Um estímulo visual onde se aprecia as fortunas e os males dos outros, entre o esplendor da técnica e a passividade dos espectadores, suprimindo a própria perspectiva de mobilização. “A inação parece ser o prêmio da imagem. As aventuras amorosas, os deslumbramentos dos drogados, as proezas dos esportistas ou os programas de renovação social depositam-se na literatura imaginativa e oferecem, com os espetáculos, um álibi para a ação” (DE CERTEAU, 1995, p. 43).

Se, para De Certeau (1995), por um lado, as imagens da ficção aparecem como um substituto para as pessoas que não mais podem fazer tais ações, Han (2017), por outro lado, vai identificar nestas imagens uma característica do capitalismo de “pornografizar” as relações sociais ao expor tudo como mercadoria. Ou seja, aprofundam-se o mercado da atenção e a representação da vida ganha mais destaque o que a própria vida.

Como temos visto, ao longo do tempo tem sido apontado por diversos pensadores como a massificação do consumo tem se intensificado. Em determinado momento de seus escritos, De Certeau (1995) faz uma metáfora comparando as propagandas e ficções com o ato de sonhar. De maneira semelhante, Benjamin (1987) também propôs que a indústria cultural fabricava sonhos coletivos.

O cinema introduziu uma brecha na verdade de Heráclito segundo a qual o mundo dos homens acordados é comum, o dos que dormem é privado. E o fez menos pela descrição do mundo onírico do que pela criação de personagens do sonho coletivo, como o camundongo Mickey, que hoje percorre o mundo inteiro (BENJAMIN, 1987, p. 190).

De certa forma, esta associação de ícones da indústria cultural como sonhos coletivos e a passividade que geram no espectador, remetem aos escritos de Freud que teorizou em seu trabalho que os sonhos são realizações na nossa cabeça de desejos reprimidos (CHENIAUX, 2006). Uma forma individual de nosso inconsciente liberar as energias retidas nesses impulsos de desejos, amenizando-os, mesmo que de forma reduzida devido à impossibilidade de realizarmos estes desejos no mundo desperto.

Ao partirmos desta perspectiva, torna-se mais contundente a crítica feita por De Certeau na década de 1970 de como a indústria cultural coopta os impulsos gerados pela própria sociedade industrial, satisfazendo-os através do voyeurismo e contemplação e assim suprimindo a ação.

As mitologias revelam aquilo em que não se ousa mais acreditar e que por isso se busca “em imagem”, e muitas vezes aquilo que somente a ficção oferece. Elas enganam simultaneamente a fome e a ação. Elas traem ao mesmo tempo uma recusa a perder e uma recusa a agir. Desse modo, muitas das palavras e imagens narram uma perda e uma impotência, isto é, exatamente o contrário daquilo que elas prodigalizam. Os belos programas de uma “nova sociedade” substituem habilmente a ação que mudaria a nossa sociedade pela miragem dos discursos. As ideologias revolucionárias compensam o déficit do valor ou a privação do poder. A religião-ficção, a revolução-ficção, o erotismo-ficção ou a droga-ficção instalam na ficção o objeto que elas mostram e, como um espelho, proporcionam apenas a imagem invertida da felicidade cujas estrelas eles multiplicam na paisagem urbana (DE CERTEAU, 1995, p. 43).

Ou seja, assistimos ao longo das últimas décadas um processo dialético de retroalimentação entre a expansão da massificação do consumo pela integração dos mercados, a precarização dos trabalhadores no mundo inteiro ao transformá-los em uma massa de “empreendedores de si” subordinados aos ditames de megacorporações transnacionais, a consequente transformação de todas as relações sociais em transações com fins lucrativos, o surgimento de novas subjetividades pautadas na autoimagem como produto.

Diferentes autores dão conta desta alteração socioeconômica e cultural a partir de distintos conceitos: Bauman (2000) chamou de modernidade líquida, Harvey (2008) chama de acumulação flexível, mas ambos se referem ao contexto em que as liberdades são exaltadas, principalmente as liberdades econômicas. E a massificação e transformação dos indivíduos em vendedores de suas próprias imagens trouxe à tona o que Han (2017) chama de inferno do igual, característica também notada por De Certeau (1995) definida como uma monstruosa proliferação do intermediário, que, por sua vez, também já havia sido denunciada anteriormente por Adorno (1985) ao dizer que a cultura contemporânea conferia a tudo um ar de igualdade e que agora se intensificava.

Sem estender demais as implicações sociais, retomando um pouco a discussão levantada por Bauman (1999), a libertação do capital das exigências geográficas também denota novas formas de controle dos países desenvolvidos sobre os países em desenvolvimento a partir da tecnologia. No entanto, é importante salientar que embora a indústria cultural possam ser, de fato, uma ferramenta de controle de massa entre o Norte e o Sul global, é necessário perceber também que esta dominação está intimamente associada com o monopólio do capital.

Como afirmou Adorno (1985), todo o aparato cultural produzido pela indústria possui uma íntima relação com o poder financeiro que permite sua produção. Neste

sentido, um detalhe importante que se destaca é que todas as análises feitas por Walter Benjamin, Theodor Adorno e Michel de Certeau, citadas aqui, partiram de suas posições em países desenvolvidos. Ou seja, os intelectuais estavam pensando as realidades dos países ricos. De forma que não é possível supor que o controle social promovido pela indústria cultural, ou pelas redes sociais hoje em dia, seja apenas para imposição de interesses nos países em desenvolvimento, pelo contrário. Os países desenvolvidos também são reféns deste sistema, “presos na armadilha de sua própria maquinaria” (DE CERTEAU, 1995, p. 94), como a reeleição de Donald Trump, em 2024, bem mostra.

Se antes o controle da mídia era exercido pelo poder financeiro de forma mais disfarçada, o comando de toda a informação do mundo nas mãos das *big techs* escancara estas relações de poder. Não há exemplo mais evidente do sequestro social feito pelas grandes corporações do que a eleição de um bilionário, cujo palanque foi dividido com outro bilionário e dono de rede social que subiu no palco para comprar apoio.

A partir desta digressão histórica sobre o surgimento dos meios de comunicação de massa, indústria cultural e a nova face do capitalismo de acumulação flexível, já temos alguns elementos que nos permitem visualizar em termos gerais como esse modelo de rede social foi desenvolvido e como seu funcionamento tem permitido uma ampla disseminação de conteúdos ideológicos conservadores e de extrema direita.

A CRIAÇÃO DA MASSA VIRTUAL

Se, como para Walter Benjamin, pode-se ter a ilusão de que o maquinário está ausente na produção cinematográfica, espero direcionar um pouco o foco da discussão justamente para este maquinário que está em funcionamento hoje, pois muitas das características apresentadas anteriormente assumem hoje um patamar muito mais elevado em todos os níveis.

Adorno (1985, p. 101) apontou em sua época que tudo era padronizado, que “histórias publicadas em revistas de diferentes preços, têm menos a ver com conteúdo do que com sua utilidade para catalogação, organização e computação estatística dos consumidores”. Os dispositivos de coleta de dados presentes nas redes sociais permitem um registro muito mais preciso e atualizado em tempo real de bilhões de indivíduos no mundo inteiro.

Este mapeamento de preferências que serve a vários propósitos, desde banco de dados para setores de publicidade, que inclusive poderiam ser cooptados para

propaganda política como temos visto nos últimos dez anos, como para elaborar formas mais eficazes de manter consumidores cativos em suas plataformas a partir de entrega de conteúdo personalizado.

Pariser (2011) revela que o aumento vertiginoso de conteúdos da indústria cultural, dos programas de TV a cabo e dos conteúdos digitais com a disseminação da internet, levou na década de 2010 a um problema de saturação de conteúdos e informações. Neste sentido, os primeiros esforços para personalizar a entrega de conteúdos visava ter um sistema automatizado de seleção programas de acordo com o interesse do usuário em meio a um mar de informações.

Entretanto, logo se percebeu que o conteúdo que nos chega é apenas ilusoriamente escolhido por nós, e continua nos sendo “imposto” por um processo automatizado que a maioria das pessoas não faz ideia de como funciona. Não é muito diferente de quando o conteúdo era transmitido para todo mundo pela TV ou rádio, é apenas mais direcionado em nível individual. Isso fica claro quando você vê atualmente nas redes sociais muito mais conteúdo de pessoas desconhecidas do que dos amigos ou canais que segue.

Além disso, aprofunda-se o mercado de atenção. Se no século passado a publicidade era direcionada para públicos dependendo do horário de veiculação da programação, as redes sociais de *feed* infinito permitem não só uma seleção mais precisa do público-alvo, mas um direcionamento muito mais intenso de conteúdo para quem tem mais “tendência” a engajar com a propaganda. Entretanto, esta entrega apenas de conteúdo individualizado trouxe consigo também novas formas de sociabilidade e, com eles, novos tipos de problemas.

Segundo Hou et al. (2019, p. 2, Trad. livre do autor), as formas de comunicação interpessoal mudaram drasticamente com a proliferação de mídias sociais baseadas na internet e a onipresença destas redes traz consigo o potencial para o vício, uma utilização excessiva a ponto de interferir em outros aspectos da vida, inclusive com implicações para saúde mental. “estudos sobre a utilização de redes sociais e saúde mental mostraram que o uso prolongado de redes como Facebook está positivamente associado com problemas de saúde mental como estresse, ansiedade e depressão, e negativamente associada ao bem-estar em longo prazo”. Para Wang e Guo (2023), não apenas as redes são capazes de causar adoecimento emocional, como são um problema ainda mais perigoso do que as drogas.

O vício em redes sociais é mais difícil de lidar do que o vício em substâncias, porque as plataformas de mídias sociais usam algoritmos para aumentar o tempo de uso da plataforma tocando no desejo por reconhecimento social e fornecendo reforço ininterrupto para estimular uso excessivo e um comportamento compulsivo (WANG e GUO, 2023, p. 2, Trad. livre do autor).

De acordo com os pesquisadores supracitados, uma das causas do vício em redes sociais entre jovens está associada com a pouca compreensão de como funcionam os algoritmos, sendo os principais fatores de risco identificados: pouca idade, baixa renda e baixo nível de educação.

Segundo Wang e Guo (2023), os jovens não possuem conhecimento necessário sobre tecnologias digitais e computacionais para utilizar as redes de forma apropriada. Embora os algoritmos possam sugerir conteúdo necessário, no contexto da *big data* em que as inteligências artificiais automatizam as funções de busca, classificação e processamento de informação, existe um risco muito alto de que os jovens fiquem presos e viciados em sua própria **bolha de filtragem**, conceito definido por Eli Pariser em 2011 para identificar como as pessoas, que vivem em um universo de informação personalizada que combina com suas próprias preferências, acabam presas nesse estado de isolamento intelectual.

Pariser (2011) também aponta que esta padronização de entrega de conteúdos traz sérios problemas para o desenvolvimento de um pensamento crítico, ou mesmo da criatividade.

Nas bolhas de filtragem, existe menos espaço para encontros que trazem ideias e aprendizado. Criatividade é geralmente ativada pela colisão de ideias de diferentes disciplinas e culturas. Combine uma compreensão sobre cozimento com física e você terá uma panela antiaderente e um fogão por indução. Mas se a Amazon acha que estou interessado em livros de culinária, tem poucas chances deles me recomendarem livros sobre metalurgia (PARISER, 2011, p. 17, trad. livre do autor).

Conforme Wang e Guo (2023), a personalização de conteúdos e serviços limita a diversidade de conteúdo a que as pessoas são expostas e isso pode acarretar efeitos adversos no discurso democrático, na falta de raciocínio crítico e na não formação de pessoas de mente mais aberta. A bolha de filtragem é, portanto, uma consequência problemática das novas redes midiáticas e sociais, uma vez que ela cria barreiras para um diálogo racional e diversificado, necessário para sociedades democráticas .

Democracia requer que os cidadãos vejam as coisas a partir do ponto de vista do outro, mas em vez disso, estamos cada vez mais e mais encapsulados em nossas próprias bolhas. Democracia requer uma confiança em fatos compartilhados, em vez disso, estão nos oferecendo universos paralelos, mas separados (PARISER, 2011, p. 6, trad. livre do autor).

Apesar do estudo de Wang e Guo (2023) ter sido realizado em um grupo de jovens, qualquer um que tenha usado uma rede social deve ser capaz de perceber que todos estamos expostos a estes riscos e não apenas aqueles de baixa renda, pouca idade e baixo nível educacional. O efeito compulsório das plataformas em propiciar estímulo social afeta em maior ou menor medida a todas as pessoas, de forma que o tipo de educação necessária para aumentar a consciência sobre o funcionamento dos algoritmos teria que ser, também, digital. Não é raro que até professores universitários (que se espera serem a elite intelectual) sejam também enredados nas bolhas de filtragem.

Em uma avaliação mais social, considerando os comentários de Michel de Certeau, se é verdade que o trabalhador busca compensar visualmente alguma atividade da qual não consegue mais participar, as redes sociais seriam também um local privilegiado para a visualização de todos os tipos de realidade. Do dia a dia de “gente como a gente” ao badalado mundo *gourmet* das celebridades, das visões romantizadas de um passado idealizado aos ideais radicais e revolucionários, tudo está ao alcance dos olhos, aprofundando a certeza de que nenhum público-alvo é deixado de fora, como indicou Adorno, ao mesmo tempo em que tudo é feito nos mesmos moldes, nas mesmas plataformas, indicando que até o pensamento contrário, se dá nos mesmos termos.

Neste sentido, a discussão sobre o comportamento das massas, separadas em grupos de públicos-alvo por algoritmos automatizados não apenas reduz o senso crítico e a criatividade, mas também propicia uma radicalização destes grupos. Pois as bolhas de filtragem servem como meio propício para repetição *ad infinitum* de um mesmo tipo de conteúdo para o mesmo grupo. Se Valle (2020, p.22) está certo ao propor que o controle das massas “não obedece a um ordenamento lógico de razões, mas antes funda-se no exagero e na repetição”, as bolhas criadas pelos algoritmos das redes seria um local ideal para se fomentar um comportamento de manada. Esta segregação e radicalização digital serviria para explicar dois fenômenos recorrentes da contemporaneidade virtual: 1- o cancelamento e linchamento digital que acontece muitas vezes sem que as pessoas nem mesmo se informem a fundo sobre o que está acontecendo; e 2- a formação de grupos radicalizados aguerridos na defesa de suas próprias visões e que acabam se engajando de forma a criar uma polarização com quem quer que se expresse diferente.

Ao lembrarmos os escritos de Walter Benjamin sobre o início dos meios de comunicação em massa, recordamos que houve ali uma transformação da política, pois o político que antes se apresentava apenas para o seus, passou a se produzir enquanto produto para ser vendido para as massas pelo rádio, com um alcance muito maior do que o parlamento. Se esta característica foi aprofundada pela TV, ela atinge um nível antes inimaginável com as redes sociais. A imagem do político que é pensada exclusivamente para determinados públicos, com diferentes mensagens a serem direcionadas para as bolhas de filtragem específicas. Performances teatralizadas pensadas para despertar reações emocionais de segmentos sociais particulares. Onde o exagero e o absurdo são mobilizados para estimular o comportamento de manada em favor ou em detrimento de determinadas condutas. Conteúdo que servirá também como uma barreira para o pensamento crítico e contraditório por estar sempre repercutindo em uma mesma bolha de filtragem.

Em 2018, a editora boitempo lançou o livro “o ódio como política”, que reuniu diversos autores para avaliar o crescimento da ideologia de direita que se verificava nas redes sociais. Em seu capítulo, Ribeiro (2018) fez uma comparação entre algumas das principais páginas de divulgação política no Facebook e aponta que havia dois polos de discussão principais com interseções quase nulas.

Essa estrutura polarizada tem uma história. Ela se formou durante os oito ou dez meses que se seguiram às manifestações de junho de 2013, durante as quais as páginas do Facebook com maior número de interações foram as de produção de conteúdo anticorrupção. Essas páginas, até então, estavam posicionadas entre as páginas de esquerda e as de direita. Muitos de seus leitores se juntaram aos ativistas que se manifestavam contra o aumento das passagens trazendo consigo um conjunto mais difuso de pautas anticorrupção e por mais direitos sociais (RIBEIRO, 2018, p. 105).

Ou seja, através da paulatina mudança do funcionamento das redes sociais para entrega de conteúdos personalizados, é possível perceber esta mudança em que, no ano de 2013, havia páginas que reuniam pautas sociais difusas entre pessoas de esquerda e direita no mesmo lugar. Enquanto que, em 2018, quando o livro foi publicado, já havia uma separação radical entre páginas de esquerda e páginas de direita com pouquíssimas e irrelevantes páginas de interseção.

Entretanto, a entrega personalizada não foi a única responsável pela criação das polarizações políticas, nem mesmo pela proliferação de conteúdos de extrema direita na internet. Isso aconteceu devido a esforços continuados de manipulação política por parte

de alguns grupos estrangeiros. Fornasier e Beck (2020) mostraram como a Cambridge Analytica capturava dados de usuários do Facebook e utilizava essas informações para formação de públicos-alvo para disseminação de propagandas políticas especializadas, mirando especificamente nos indecisos para alterar suas preferências de votos e, assim, manipular os resultados de eleições de acordo com a ideologia conservadora. O famoso escândalo desta empresa em 2018 mostrou ao mundo como as redes sociais foram utilizadas para disseminação de desinformação e manipulação de opinião que resultaram na primeira eleição de Donald Trump.

Steve Bannon um dos principais nomes por trás da organização internacional de incentivo de disseminação de ideologia conservadora através da utilização das redes sociais, exerceu também influência sobre a política brasileira a partir de sua já conhecida aproximação com Eduardo Bolsonaro. Conforme aponta Feldmann (2019), muito antes de ser executivo chefe da campanha de Trump em 2017, Bannon já produzia e dirigia conteúdos de orientação conservadora desde 2004.

Além do modo de funcionamento dos algoritmos para a entrega personalizada de conteúdo e a atuação de setores de extrema direita na propagação de suas ideologias, há ainda outro fator que contribui sobremaneira para este estado de permanente confusão. Conforme argumenta Pariser (2011), a internet trouxe consigo a possibilidade de qualquer pessoa postar conteúdos sobre os mais diversos assuntos. Embora, a princípio, tal característica parecesse uma democratização da informação que passaria a ser produzida não a partir dos interesses dos grandes veículos da mídia tradicional, logo se revelou uma séria erosão da autoridade de veículos de imprensa. Fatos abordados por jornais passaram a ser vistos como questão de mera opinião, permitindo o contexto ideal para disseminação de notícias falsas e desinformação. Desta forma, não apenas a extrema direita teria espaço para disseminar sua ideologia para o cidadão indeciso, convertendo-o para a causa conservadora, como também poderia, a seu bel prazer, espalhar desinformação sobre seus desafetos para mobilizar as emoções da manada digital em campanhas de linchamento virtual e destruição de carreiras.

Como se tudo isto não fosse suficiente, não podemos esquecer da construção do político midiático que se iniciou com o rádio, como apontou Benjamin (1987), e que agora atinge um novo patamar com as redes sociais. Em sua tese de doutorado, Lima (2021) se dedica a mostrar como a internet e seus memes foram essenciais na invenção do “mito”, construindo uma imagem pública de Jair Bolsonaro que capturava os ideais conservadores disfarçada de humor.

[...] o objetivo do meme é viralizar um discurso presente na materialidade imagética, que pode provocar o riso, a chacota, a ridicularização, o humor. Uma risada algumas vezes opressora, que compartilha um repertório de preconceitos, de estereótipos, com ausência de compaixão, de criticidade, de reflexão, reforçando, com isso, os marcadores sociais de opressão e, ademais, impulsionando o comentar, o curtir, o compartilhar e a hashtag (os novos capitais simbólicos e sociais de status, reconhecimento, poder, economia da atenção, nos tempos online), fazendo ecoar uma estratégia discursiva de produção de significado, logo com graus variados de identificação (LIMA, 2021, p. 35).

Percebe-se, portanto, como a utilização do humor e dos memes é um recurso corriqueiro utilizado pela extrema direita, tanto para a criação discursiva das figuras que representam o movimento e que passam a concentrar este capital político, como para proliferação de ideologia conservadora em páginas voltadas para públicos específicos de forma que seus autores se esquivem de normas, leis e convenções sociais sem serem responsabilizados por seus atos (SENA, 2023).

Em suma, a ascensão da extrema direita expressa-se, portanto, como o conjunto destas características: 1- a entrega de conteúdo personalizado reduz o senso crítico dos cidadãos que acabam se agrupando em suas bolhas de filtragem, cada vez mais radicalizados devido à falta de contato com quem pensa diferente; 2- há um movimento internacional que visa utilizar os dados coletados pelas redes sociais para direcionar propagandas conservadoras especificamente direcionadas àqueles passíveis de serem convencidos; 3- o ambiente virtual sem regulamentação e legislação específicas consiste em um lugar ideal para espalhar desinformação, notícias falsas e discurso de ódio, geralmente travestido de humor para driblar a legislação; e assim 4- A opinião popular é cooptada e capitalizada contra determinadas instituições, ou para apoio aberto a políticos midiaticamente “construídos” para representar esta insatisfação. Pessoas que demonstram um desprezo pelas ineficazes estruturas estatais, mesmo que tenham sido parte deste sistema a vida inteira, pessoas que falam em uma linguagem comum e que são capazes de mobilizar os sentimentos de indignação social, pois como lembrou De Certeau (1995, p. 41) “o descrédito das ideologias não elimina a necessidade à qual elas correspondiam”. Ou seja, os anseios sociais por melhores condições de vida ainda estão presentes, especialmente se considerarmos as mudanças estruturais do capitalismo neoliberal, citadas por Sennet (2015; 2018), Bauman (1999;2000), Hobsbawm (2007) e Harvey (2008). Mas, neste sentido, o que se tem assistido é a cooptação das angústias dos

trabalhadores em torno de figuras enganadoramente relacionáveis para o aprofundamento das mesmas relações que geram estas angústias.

Portanto, além da necessária regulamentação das redes, atividade que vem sendo cada vez mais discutida em diversos países, a implementação de uma educação digital para conscientização da população de como nossa opinião é moldada pelos algoritmos, talvez se constitua como uma estratégia eficaz para o combate à desinformação e, talvez, para frear o avanço mundial da extrema direita.

Retomemos aqui algumas questões sobre as de comunicação em massa e nossas relações com ela: Como mencionado anteriormente, no momento da criação do cinema, Benjamin (1987) chegou a achar que as lentes das câmeras emulavam os nossos olhos, escondendo assim a intencionalidade por trás da máquina, para depois escrever sobre como o mesmo cinema estava sendo usado para fins políticos. Em momento posterior, Adorno (1995) também criticou a forma como a indústria cultural era utilizada para disseminar a ideologia dominante, mesmo que depois ele mesmo tenha mudado de ideia quanto ao rádio. Pariser (2011) apontou que inicialmente as redes sociais se apresentavam como uma democratização das informações, quebrando o monopólio dos grandes conglomerados de mídia, apenas para se mostrarem como o cenário ideal para propagação de desinformação. A partir destes exemplos citados ao longo do artigo, torna-se um imperativo que não nos deixemos seduzir pelos avanços trazidos pelas inteligências artificiais a ponto de ignorarmos as intencionalidades que orquestram o maquinário.

Temos um enorme lastro histórico de manipulação das massas pelos meios de comunicação e pela indústria cultural para não questionarmos também quais intenções estão por trás da gamificação, do mercado de dados pessoais e das barreiras cognitivas que os sistemas automatizados da indústria das redes sociais estão nos impondo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, recorri a diversos pesquisadores, sobretudo da teoria crítica, para compreender um pouco melhor como os meios de comunicação em massa e indústria cultural foram expandindo sua influência e controle sobre a sociedade até chegarmos no atual funcionamento das redes sociais. Estas teorizações se tornam cada vez mais importantes e nos ajudam a pensar sobre o comportamento da coletividade digital na atualidade.

Ao longo de todo o texto busquei mostrar como os meios de comunicação de massa foram surgindo e sendo cooptados pelo poder financeiro, a ponto de se tornarem uma força central na manutenção de um capitalismo social, onde boa parte da produção cultural é padronizada e mesmo aquela que expressa ideologias políticas contrárias ao capital acaba sendo produzida e veiculada nos mesmos moldes.

Em seguida, questioneei sobre como esta indústria cultural vende sonhos coletivos que servem como alívio e catarse para a população, privilegiando assim uma inação em vez de engajamento político de fato na mudança social.

A partir da crescente globalização na segunda metade do século XX, a mutação para um capitalismo neoliberal, mais agressivo após a década de 1990, expandiu de forma sem precedentes as liberdades do capital financeiro e especulativo para além das fronteiras nacionais. Este processo acompanhou de perto o surgimento da internet e das redes sociais, as quais constituem uma expressão ainda mais explícita do quanto o maquinário técnico está a serviço do capital e segue sendo utilizado como ferramenta de controle social. Seja através da desestabilização política, ou do fornecimento de serviços e produtos personalizados que seduzem os usuários e os prendem em bolhas de filtragem. Tais bolhas de informação, por sua vez, podem causar vários problemas sociais, emocionais e mentais e, em última instância, podem reduzir a capacidade individual de raciocínio crítico ao mesmo tempo em que proporcionam o surgimento de debates cada vez mais polarizados, ainda assim, tudo isto segue embalado sob a proposta de nos fornecer cada vez mais liberdade.

No quadro geral, portanto, é possível perceber a curiosa contradição de um movimento sociocultural de exaltação das liberdades individuais, que age ao mesmo tempo como uma ferramenta de massificação. Somos uma massa de pequenas unidades de liberdade, identificados e agrupados ora em um grupo específico, ora em outro, dependendo do parâmetro utilizado pelo algoritmo em algum banco de dados.

É neste contexto que assistimos, na atualidade, a ascensão de um movimento de extrema direita que sabe explorar muito bem as características do novo contexto digital. Se o político como produto foi uma figura que surgiu com a invenção do rádio, hoje temos pacotes de propaganda política fascista feitos especificamente para grupos selecionados a partir dos públicos-alvo agrupados pelas inteligências artificiais.

Urge a necessidade da implementação de políticas de educação digital para reduzir a influência que os algoritmos e IAs têm na nossa utilização das redes sociais e,

quem sabe, talvez com isso tenhamos mais consciência de como o maquinário técnico da atualidade está a serviço de interesses financeiros acima de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

ARRIGHI, G. **O longo século XX**. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Contraponto, 2012.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Zahar, 1999a.

_____, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

CHENIAUX, Elie. Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. IN: **Rev Psiquiatr**, RS maio/ago 2006; 28 (2):169-177. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rprs/a/BqyRYJPBCVrCwmSnY5JcMHj/?lang=pt> Acessado em 11 nov. 2024.

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránsky, Campinas, SP, Papirus, 1995.

FELDMANN, Tony A. Divining Domination: Steve Bannon as a Political Mystagogue. IN: **Fast capitalism**. Vol. 16, nº 2, 77-86, 2019.

FORNASIER, M. de O., & BECK, C. Cambridge analytica: escândalo, legado e possíveis futuros para a democracia. **Revista Direito em Debate**, 29(53), 182-195, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/10033> Acessado em: 12/06/2025.

GATTI, Luciano. Theodor W. Adorno: indústria cultural e crítica da cultura. In: NOBRE, Marcos (org). **Curso livre de teoria crítica**. Campinas, SP, Papirus, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul, **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 17a. edição, São Paulo, Edições Loyola, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. Tradução de José Vargas. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

HOU, Y., XIONG, D., JIANG, T., SONG, L., & WANG, Q. Social media addiction: Its impact, mediation, and intervention. In: **Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace**, 13(1), article 4, 2019. Disponível em: <https://cyberpsychology.eu/article/view/11562> Acessado em 11 nov. 2024.

LIMA, Isabelly C. C. A invenção do mito Jair Messias Bolsonaro e a construção da cidadania cristã-heteronormativa como retórica política. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/18537> Acessado em: 12/06/2025.

PALHARES, Taisa. Walter Benjamin: teoria da arte e reprodutibilidade técnica. In: NOBRE, Marcos (org). **Curso livre de teoria crítica**. Campinas, SP, Papirus, 2013.

PARISER, Eli. **The filter bubble: what the internet is hiding from you**. New York, The Penguin Press, 2011.

RIBEIRO, Márcio Moretto. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: GALLEGO, Esther S. (Org.) **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SANDEL, M. J. **O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado**. Tradução de Clóvis Marques, 10ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

SENA, Tálison F. F. de. **O discurso do cidadão de bem: uma análise crítica das manifestações racistas e lgbtfóbicas no instagram do @noticiasnoface**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em estudos da Mídia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/455effed-d924-4a29-8c2f-58473e205d50> acessado em: 12/06/2025.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Clóvis Marques, 6ª edição, Rio de Janeiro, Record, 2015.

_____, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução de Clóvis Marques, 6ª edição, Rio de Janeiro, Record, 2018.

WANG, Xin; GUO, Yin. “Motivations on TikTok addiction: The moderating role of algorithm awareness on young people”. In: **Profesional de la información**, v. 32, n. 4, e320411, 2023. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/87377> Acessado em 11 nov. 2024.

VALLE, Ulisses do. As ciências diante do problema das massas. In: ASSUNÇÃO, M. F. M de, BRAGA, S. C., GONÇALVES, M. e QUINTA JUNIOR E. R. (orgs.) **Teoria e História da Historiografia no Século XXI: Ensaios em homenagem aos dez anos da Revista de Teoria da História**. Vitória, Editora Milfontes, 2020.

Recebido em: 21/11/2024
Parecer dado em: 13/01/2025